



O relacionamento homoerótico na Grécia Antiga:
uma prática pedagógica

The homoerotic relationship in Ancient Greece: a
pedagogical practice

ANDRADE, Tiago Souza Monteiro de¹

Resumo: Na Grécia Antiga, o relacionamento homoerótico entre um homem mais velho e um jovem era considerado, segundo as leis da sociedade helênica, uma prática pedagógica. No entanto, muitos interpretam tal relação de maneira deturpada, considerando a Grécia como terra de orgias e sodomias, cabendo às pesquisas científicas mostrarem que a sociedade grega não se resume apenas a tais afirmações. Nesse sentido, o presente artigo objetiva apresentar uma trajetória dessa prática, analisando como o relacionamento homoerótico era encarado como um ritual, pelo qual todo jovem grego havia de passar, com finalidade de atingir a vida adulta de maneira íntegra. O trabalho corresponde a uma pesquisa bibliográfica e descritivo-qualitativa, amparada por estudos de DOVER (2007); HALPERIN, WINKLER, ZEITLIN (1990); PLATÃO (2011) e CALLAGHER (1990). Por meio das análises apresentadas, os estudos mostraram que a relação homoerótica na principal sociedade humana da Antiguidade não foi apenas

¹ Professor Mestre - Departamento de Letras - Faculdade de Presidente Prudente - FAPEPE - Avenida Presidente Prudente, 6093 - Jardim Aeroporto - Presidente Prudente - CEP: 19053-210, São Paulo, Brasil. A pesquisa que resultou neste artigo não contou com financiamento de qualquer agência de fomento. E-mail: tygerstone@ig.com.br

tolerada, mas elevada à condição de realização individual.

Palavras-chave: História; Grécia Antiga; homoerotismo; ritual de passagem.

Abstract: In Ancient Greece, the homoerotic relationship between an older man and a young one was considered, according to the laws of the Hellenic Society, a pedagogical practice. However, many interpret this relationship in a misrepresented way, often considering Greece as a land of sodomy and orgies. The scientific research shows that Greek society is not limited only to such claims. In this sense, this article presents a trajectory of this practice, analyzing how the homoerotic relationship was seen as a ritual, which every young Greek was to pass, with the purpose of reaching adulthood with integrity. The work represents a bibliographic and descriptive-qualitative research, supported by studies by DOVER (2007); HALPERIN, WINKLER, ZEITLIN (1990); PLATÃO (2011) and GALLAGHER (1990). Through the analysis presented, studies have shown that the homoerotic relationship in primary human society of antiquity was not only tolerated, but elevated to the supreme condition of individual achievement.

Keywords: History; Ancient Greece; homoeroticism; rite of passage.

Introdução

A pesquisa está no alcance de qualquer pessoa que se disponha a recuperar no passado o processo de constituição do espaço de tensões e conflitos que é o presente e no qual se busca situar.

Maria do Pilar de Araujo Vieira

Na Grécia Antiga, era comum um homem adulto ter relações sexuais com um jovem. Nessa concepção, Dover (2007) apresenta o filósofo grego Sócrates, o qual era adepto ao amor homossexual e afirmava que o coito anal correspondia a melhor forma de inspiração. A visão do filósofo quanto ao sexo heterossexual, era a de que servia apenas para procriar. Para a educação dos jovens atenienses, esperava-se que os adolescentes aceitassem a amizade e os laços de amor com homens mais velhos, para absorver suas virtudes e seus conhecimentos de filosofia.

Conforme Vieira, Peixoto e Khoury (2011, p. 17), “nas últimas décadas, se tenta pensar a história ainda que com muitas dessas referências, mas fora de esquemas e ortoxias, e se adota uma concepção de história que leva em conta toda a experiência humana a que não é alheio o historiador em seu trabalho”. Além disso, segundo as autoras, ao historiador cabe dar, ao objeto por ele eleito, uma explicação dos fatos humanos, centrando o eixo dessa explicação nos mecanismos que asseguram a exploração e a dominação de uns homens sobre os outros, no que diz respeito a fatores de ordem: econômica, política, social, cultural nas tradições e sistemas de valores nas diversas sociedades.

Delimitar um trabalho não é atividade tão simples como se parece, uma vez que temos de estabelecer fronteiras espaço/temporais, cujos objetivos é não perder de vista o foco do trabalho.

A priori, havíamos pensado em realizar um estudo diacrônico em relação ao assunto posto, ou seja, realizar-se-ia um levantamento sobre a homossexualidade desde a Grécia Antiga aos nossos dias. Todavia, haver-se-ia muito trabalho para tão pouco tempo.

Em seguida, procuramos delimitar espaço/tempo para não perder de vista o objetivo da pesquisa, realizando, por sua vez, um estudo sincrônico.

Dessa forma, neste estudo limitamos em estudar as práticas homoeróticas masculinas na Grécia Antiga, cujo objetivo foi descrever como o relacionamento homoerótico era concebido na sociedade helênica da época. Além disso, procuramos responder a indagações como: por que os atenienses aceitavam a homossexualidade tão prontamente, conformando-se com tanta satisfação a esse hábito; como a homossexualidade era integrada à heterossexualidade, e como a avaliação moral e estética de comportamentos homossexuais se relacionava com valores da sociedade grega clássica de um modo geral.

Como apontam Vieira, Peixoto e Khoury (2011, p. 33), “[...] quando priorizamos responder a questões colocadas pela própria experiência, demonstram interesse em dar respostas a questões levantadas em sua atividade profissional, militância política ou problemas colocados pelo cotidiano”. De acordo com as autoras, anualmente os alunos se interessam pelas questões do ensino e da pesquisa seja por fatos relacionados a movimentos sociais, seja por setores marginalizados da população – homossexual, negro, indígena, mulher, entre outros.

Nesse sentido, o presente trabalho justifica-se por tentar expor de forma clara como a homossexualidade, algo que inquieta muitos ainda hoje, era vista sob a óptica grega.

A pesquisa científica nunca foi tão valorizada na história da humanidade quanto ela é hoje. Na Idade Média, a pesquisa ficou engessada, porque tudo o que a sociedade seguia era o que era imposto pela igreja. Desde então, a ciência vem ganhando espaço e, hoje, nós estamos em uma sociedade baseada no método científico de gerar conhecimento.

No tocante à metodologia e aos procedimentos técnicos metodológicos, Gil (2009) cita quatro principais elementos que norteiam a pesquisa: i) a natureza, ii) forma de abordagem, iii) objetivos e iv) procedimentos técnicos.

Referente à natureza, o trabalho enquadra-se em uma pesquisa básica, pois objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática. Quanto à forma de abordagem, trata-se de uma pesquisa qualitativa, ou seja, considerando que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, não pode ser traduzida em dados estatísticos. No que diz respeito aos objetivos, é uma pesquisa exploratória, já que envolve levantamento bibliográfico. Finalmente, quanto aos procedimentos técnicos, corresponde a uma pesquisa bibliográfica, pois será elaborada a partir da recuperação de estudos realizados no meio acadêmico-científico.

O trabalho, desse modo, corresponde a uma pesquisa bibliográfica e descritivo-qualitativa, amparada por estudos de DOVER (2007); HALPERIN, WINKLER, ZEITLIN (1990); PLATÃO (2011), CALLAGHER (1990) e FOUCAULT (1988).

Sendo assim, o artigo encontra-se configurado em três seções: i) a construção

social da sexualidade, ii) o “banquete” de Platão e, por fim, iii) a homossexualidade na Grécia Antiga, além das considerações finais que recuperam e dialogam com os assuntos que envolveram o presente estudo.

A construção social da sexualidade

Diferentemente dos outros seres vivos, que já nascem programados para a vida a partir de uma carga de informações genéticas que os informa como se comportar e agir perante as diferentes situações, o ser humano vem ao mundo desprovido de tudo isso. Segundo BRASIL (2002, p. 15), “o modo de se comportar e de agir nos é dado socialmente: aprendemos com nossos pais, com a comunidade da qual fazemos parte e na escola.” Nesse sentido, podemos nos remeter a uma fala de Paulo Freire, cujas palavras afirmam que não somos simples folhas de papel em branco, nas quais a sociedade escreve uma história, visto que recriamos e reinventamos o que nos é oferecido – a cultura. Por essa razão, a humanidade é tão plural!

Atualmente, com a rápida circulação de imagens e informações em revistas, televisão e internet, percebemos, cada vez mais, como diferentes sociedades vêm desenvolvendo modos diversos de existir no mundo.

A sexualidade assume formas diversas de acordo com as culturas e com o que a trajetória pessoal e a criatividade individual determinam.

Cada sociedade possui um conjunto de regras, de padrões de comportamento e de concepções sobre o que é e para que serve a sexualidade. Tal conjunto de regras e padrões, que é informado, apreendido e utilizado pelos indivíduos, constitui o que chamamos de cultura sexual (BRASIL, 2002, p. 16).

Essa cultura sexual informará, entre outras coisas, quem pode e, conseqüentemente, quem não pode fazer sexo com quem, em termos de parentesco, de idade e de *status* social, dentre outros indicadores.

Tomando alguns exemplos de diferentes sociedades, vemos que, no início do século XX no Brasil, entre nossos avós, era comum o casamento de homens mais velhos com mulheres mais novas, cujas idades variavam entre 12 e 15 anos, as quais logo iniciavam a vida sexual e reprodutiva. Hoje, a gravidez na adolescência é considerada, na maioria das vezes, um problema.

Observamos, portanto, que os padrões mudam com o tempo e de acordo com os diferentes espaços geográficos e culturais.

De acordo com BRASIL (2002, p. 25), na Nova Guiné, entre os *Baruia*, o sexo oral entre homens de diferentes gerações e *status* é uma regra social e culturalmente aceita. Nesse grupo cultural existe a crença de que a energia vital é transmitida pelo espermatozoide. Dessa forma, os homens mais novos, assim como as mulheres devem ser alimentados pelos homens mais velhos com essa energia.

Na Grécia Antiga, sociedade sobre a qual este trabalho se debruçará, entre os atenienses, “apenas os homens eram considerados cidadãos e tinham, portanto o direito e acesso ao conhecimento” (BRASIL, 2002, p. 17). A partir dessa situação, “era comum e legítimo o relacionamento sexual entre o professor e o aluno, considerado o

relacionamento mais sublime entre dois homens” (ibidem).

A partir desses exemplos, podemos verificar que a sexualidade é socialmente construída e, desse modo, é passível de assumir várias formas, de modo que os padrões e as regras mudam com o decorrer do tempo e da história e de acordo com distintos grupos sociais.

Questões de terminologia

Nas palavras de Gallagher (1990, p. 38), o termo homossexual significa mesmo sexo, podendo ser utilizado para denominar todo relacionamento com membros do mesmo sexo. Na prática seu uso é mais restrito. Uma definição de homossexualidade, sob este ponto de vista, poderia ser – “uma predominante, continuada e exclusiva atração psicosexual por membros do mesmo sexo.” (MACMILLAN, 1978, p. 667 apud GALLAGHER, 1990, p. 13).

Segundo o autor, é exatamente ao nível da definição que encontramos nossas primeiras dificuldades em abordar a homossexualidade. A tentativa de categorizar os seres humanos em duas categorias mutuamente excludentes – heterossexuais e homossexuais – maioria e minoria, respectivamente, é uma simplificação demasiada e conduz a atitudes duvidosas, de acordo com ele.

A natureza complexa da experiência sexual humana desafia qualquer divisão absoluta nesse sentido. Tendências homossexuais são um estágio no desenvolvimento de grande número de pessoas.

Conforme Gallagher (1990, p. 14),

[...] preferência sexual e comportamento sexual nem sempre são a mesma coisa. Entre os extremos da heterossexualidade exclusiva e da homossexualidade exclusiva há uma sequência de atitudes sexuais e de condições que não podem ser expressas com exatidão pelo uso unívoco do termo comportamento homo (igual) ou hétero (diferente) sexual.

Há, além disso, segundo o que diz o autor, uma distinção entre a condição homossexual, que seria atração exclusiva por pessoas do mesmo sexo e atos sexuais, que corresponde a atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo.

Sendo assim, a classificação simples de alguém como homossexual ou heterossexual não é plenamente acurada ou de acordo com as possibilidades de desenvolvimento inerentes a cada pessoa.

O surgimento do termo

Para Foucault (1988, p. 53), um dos pontos mais provocativos em sua obra é afirmação de que o homossexual, enquanto categoria tem data de nascimento: 1870, com o artigo de Carl Westphal – *As sensações sexuais contrárias*. É importante salientarmos que o autor não disse que o homossexual tem data de nascimento, ou seja, não significa que homens não faziam sexo com homens antes dessa data. Isso por que, conforme Magnavita (2012, p. 18),

A homossexualidade é datada desde a Grécia Antiga, e não causava espanto. Passou a ser considerada uma doença misteriosa, sendo registrada no catálogo internacional de doenças no século XX. Essas implicações e pré-conceitos só foram abandonados após a década de 1990, quando deixou de ser considerada uma patologia.

A diferença fundamental é que, a partir do século XIX, o discurso vigente falava a respeito de uma espécie ou até mesmo de categoria de criatura denominada: homossexual.

De acordo com Foucault (1988, p. 53), antes de 1870, havia a recriminação contra atos homossexuais, mas supostamente não se aventava que existisse algo como homossexual substantivado. Segundo o autor, um indivíduo que praticasse o coito homoerótico não era rotulado como pertencente a uma subclasse específica da humanidade. Era simples. Bastava que ele, após o ato confessional, redimisse-se a partir de práticas consideradas purificadoras. Dessa forma, podemos dizer que o sujeito não era algo, mas sim tinha feito algo.

O investimento das instituições de poder vigentes, a Igreja, por exemplo, limita-se a prescrever orações como forma de redenção contra o ato considerado pecaminoso. Embora saibamos, por meio da História, que nos séculos XVI e XVII, muitos tenham sido mortos pela Inquisição, por conta de práticas homossexuais.

A partir de 1870, ocorre uma mudança de paradigma: nasce o conceito de homossexual, alguém com uma diferenciação de desejo que abarcava todo o seu ser.

Quando Foucault (1988, p.55) afirma que o homossexual é construído, ele não está afirmando que as pessoas se tornam homossexuais por conta de influências ambientais. O fato é que se descobrir desejando o mesmo sexo a partir da data em questão, passou a ter uma implicação diferenciada, ou seja, o sujeito não estava apenas tendo um desejo, mas ele se descobria parte de um subconjunto, como denomina o autor, da humanidade.

Enfim, essa marca recaía sobre o sujeito como um ferro de marcar gado. Afinal, ele pertencia a uma classe que havia se tornado alvo de estudo científico. Desse modo, não era ele quem dizia de si, e de seu desejo, mas as autoridades da época.

Todavia cabe dizer que a origem do termo – homossexual – apresenta controvérsias e cabe-nos discorrer sobre outro ponto de vista em relação ao surgimento da expressão.

A preocupação científica com o homossexual teve início no século XIX. A expressão homossexual foi criada em 1848, segundo Rodrigues (2004, 47), pelo psicólogo alemão Karoly Maria Benkert. De acordo com o autor, sua definição para o termo recaía “além do impulso sexual normal dos homens e das mulheres, a natureza, do seu modo soberano, dotou à nascença certos indivíduos masculinos e femininos do impulso homossexual (...). Esse impulso cria de antemão uma aversão direta ao sexo oposto”. (RODRIGUES, 2004, p. 24).

Conforme aponta Rodrigues (2004, 47), em 1897 o inglês Havelock Ellis publicou o primeiro livro médico sobre homossexualismo em inglês, *Sexual Inversion*². Como muitos da época, ele defendia a ideia de que a homossexualidade era congênita e hereditária. A opinião científica, médica e psiquiátrica vigente era de que a homossexualidade era uma

² Tradução em Língua Portuguesa: Inversão sexual.

doença resultante de anormalidade genética associada a problemas mentais na família. A teoria, junto às ideias emergentes sobre pureza racial e eugenismo nos anos 1930, torna fácil entender por que a lobotomia⁵ foi indicada para os homossexuais.

Finalizada essa seção, trataremos de algumas discussões sobre o assunto contidas na obra *O Banquete* de Platão.

O “banquete” de Platão

Quanto ao aspecto moral da prática da pederastia, houve uma investigação bastante atenta pela própria sociedade grega antiga, de modo que enquanto algumas de suas características foram consideradas repugnantes, outras foram consideradas como o melhor que a vida poderia ofertar. Nas *Leis*⁴ do filósofo Platão, o coito anal entre homens é descrito como contrário à natureza, segundo o autor há a necessidade de uma lei que corrobore com a proibição de tal comportamento, sendo sua proposta provavelmente deferida como correta.

Antes de iniciarmos uma discussão sobre a obra, façamos uma breve apresentação do autor: Platão⁵ nasceu em Atenas, por volta de 427 a.C., numa família aristocrática. Viveu oitenta anos e escreveu inúmeras obras, de maneira dialogada, em que Sócrates, seu mentor, corresponde, geralmente, ao principal interlocutor. No diálogo *O Banquete*, Platão trata do amor, mediante os diálogos dos participantes de uma festa, os quais intervêm sucessivamente, cada qual expondo a sua teoria sobre o assunto.

A obra *O Banquete*, também conhecida como Simpósio (em grego antigo: $\mu\pi\sigma\acute{\iota}\nu\iota\omicron\varsigma$, transl. *Sympósion*)⁶ é um diálogo platônico escrito por volta de 380 a.C. Configura-se basicamente de uma série de discursos sobre a natureza e as qualidades do amor - *Eros*. *O Banquete* é, juntamente com o Fedro, um dos dois diálogos de Platão em que o tema principal é o amor. *Tò sumpósion*⁷, em grego, é em geral traduzido como *O Banquete*, mas, no sentido atual, corresponderia a uma festa entre, nas quais, normalmente, bebe-se mais do que se come. Trata-se, portanto, de uma celebração na casa de Agaton, poeta trágico ateniense. Sócrates é o mais importante dentre os homens presentes. Entre outros, também participam Aristodemo, amigo e discípulo de Sócrates; Fedro, o jovem retórico; Pausânias, amante de Agaton; o médico Erixímaco; Aristófanes, comediante que ridicularizava Sócrates e o político Alcibiades.

Procuramos destacar nesta seção os argumentos dos intervenientes relativos à homossexualidade dispostos na obra em questão.

A antiguidade grega, a que pertenceu Platão, caracterizava-se pelo politeísmo, isto é, crença em diversos deuses. Nessa concepção, a cada um atribuía-se a responsabilidade por determinados fenômenos, como, por exemplo, o deus Amor, responsável pelo sentimento de afeição entre as pessoas; assinalava-se, ainda, pela bissexualidade masculina, em que se aceitavam as relações sexuais de homens tanto

³Lobotomia: Desenvolvida pelo neurocirurgião português António Egas Moniz, consistia em uma técnica cirúrgica que cortava um pedaço do cérebro dos doentes psiquiátricos, mais precisamente nervos do córtex pré-frontal.

⁴ Para maiores esclarecimentos consultar: Platão. *As Leis*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 1999.

⁵ Platão, 427-347 a. C. *O Banquete*. Porto Alegre-RS: L&PM, 2011.

⁶Ibidem.

⁷Ibidem.

com mulheres como entre homens, e pela pederastia, relacionamento entre o erastes e o eromenos: aquele, sendo o mais velho por volta de 25 anos, procurava um rapaz entre 12 e 15 anos (o eromenos), a quem, sob a aprovação dos respectivos pais, servia de amigo e educador até os seus 18 anos, quando a relação passava a ser de amizade, exclusivamente, sem conteúdo sexual que, de resto, não compreendia penetração anal e sim o coito intercrural⁸.

Autor da primeira fala do texto de Platão, Fedro, concebe o Amor como o mais antigo dos deuses e o que mais benefícios propiciam aos homens, o mais apto para felicitar o ser humano e torná-lo virtuoso, durante a sua vida e após a sua morte, “pois, diz ele, não conheço vantagem maior para um jovem do que ter um amante virtuoso”. O Amor inspira o que é necessário para levar-se uma vida honrosa, a saber, a vergonha do mal e o desejo do bem: se um Estado ou um exército se compusessem apenas de amantes e de amados, não haveria povo que professasse tanto horror ao vício e apreciasse tanto a busca da virtude.

Fedro defende seu posicionamento, dizendo que “assim, pois eu afirmo que o Amor é dos deuses o mais antigo, o mais honrado e o mais poderoso para a aquisição da virtude e da felicidade entre os homens, tanto em sua vida como após sua morte” (PLATÃO, 2011, p.20).

Nesse ensejo, Lacerda Neto (2008, p. 20), diz que homens unidos assim, ainda que poucos, poderiam vencer aos demais: nenhum deles desejaria ser observado pelo seu amante, em rendição ou em debandada; ao contrário, preferiria morrer mil vezes a abandonar em perigo o seu bem-amado e deixá-lo sem auxílio. Por isso, unicamente os amantes são os que sabem morrer um pelo outro, trate-se de homens ou de mulheres, como foi o caso de Aquiles, que defendeu Pátroclo, vingou-o à custa da própria vida e morreu-lhe sobre o corpo, abnegação pela qual os deuses tributaram-lhe mais honras do que a qualquer outro homem.

A seguir, Pausânias distingue dois tipos de amor, o popular e o celestial, dos quais o primeiro inspira baixezas, devem-se louvar todos os deuses e dizer o dom de cada um, pois as ações, em si mesmas, não são nem belas nem feias, mas sim na maneira como são feitas, que resulta a beleza ou a feiura, isto é, “o que é belo e corretamente feito fica belo, o que não o é fica feio” (PLATÃO, 2011, p.21). Dessa forma, “o amar e o Amor não é todo ele digno de ser louvado, mas apenas o que leva a amar belamente” (Ibidem).

Por sua vez, o amor celestial inspira necessariamente o amor aos homens, especificamente aos jovens, cuja inteligência principia a desenvolver-se, ou seja, os adolescentes. Segundo Lacerda Neto (2008), o seu objeto não é o de aproveitar-se da imprudência de um jovem amigo e seduzi-lo para deixá-lo depois, e, rindo-se da sua vitória, correr em busca de outro qualquer; unem-se com o pensamento de não se separarem mais e de passarem toda a vida com o que amam.

A despeito das relações sexuais, segundo Dover (2007), entre os amantes masculinos, pondera que na Élide e na Beócia, é bom conceder os seus favores a quem nos ama; a ninguém, jovem nem velho, isto parece mal, enquanto na Jônia e nas regiões

⁸ Vocábulo do latim *inter* (entre) e *crus* (pernas), também conhecido como sexo femoral ou sexo interfe-moral, consiste em uma série de posições sexuais com e sem penetração em que um dos participantes coloca seu pênis entre as pernas do outro (muitas vezes com lubrificação), onde ambos obtêm prazer mediante a fricção genital resultante, simulando o coito com penetração.

submetidas ao domínio dos bárbaros - os persas -, tal costume reputa-se vergonhoso e proscrito, juntamente com a filosofia e a ginástica. É porque os tiranos, indubitavelmente, não querem que entre os seus súditos surjam indivíduos de grande valor, nem amizades nem uniões vigorosas, que são as que formam o Amor. Assim, diz Lacerda Neto (2008, p. 26) que nos Estados em que se considera vergonhoso conceder os seus favores a quem nos ama, procede esta severidade da iniquidade dos que a estabeleceram, da tirania dos governantes e da covardia dos governados.

Enquanto em Atenas, preferia-se amar claramente a fazê-lo à socapa⁹, e aos homens virtuosos e generosos, mesmo que desprovidos de beleza; reputava-se belo conquistar-se o afeto do amante e humilhante não o obter, propósito para o qual se admitiam todos os meios possíveis: súplicas, lágrimas, juras, baixezas, que em outras circunstâncias, seriam vexatórias, e que, no caso do amante, seria espetacular.

Todos, naquela cidade, achavam-se persuadidos de ser louvável amar e ser amigo do amante.

Não é honroso, prossegue Pausânias, concederem-se favores sexuais a um homem vicioso e por maus motivos, sendo-o, em contrapartida, fazê-lo por boas causas, a um homem praticante da virtude. É homem vicioso o amante que ama o corpo, de preferência à alma: seu amor não poderá ser duradouro, pois ama algo que não dura, porém o amante de uma bela alma permanece fiel por toda a vida porque ama o que é duradouro; por isto, os costumes induzem a que se examine a pessoa no que diz respeito ao seu caráter e ao seu comportamento, antes de comprometer-se com ela.

Também se considerava decoroso um indivíduo servir sexualmente a quem o amava, retribuindo-o a priori, se desejasse adquirir conhecimento e instrução, ao segundo, se capaz, este, de infundir-lhe ciência e virtude.

Toma a palavra Aristófanes, que explica a origem da homossexualidade tanto masculina como feminina, assim como da heterossexualidade. Segundo ele, havia três tipos de seres humanos, dos quais, um correspondia aos homens; outro, às mulheres, e um terceiro, a uma criatura mista, masculina e feminina, denominada de andrógino.

Todos os humanos apresentavam-se como duplos, dotados de quatro braços, outro tanto de pernas e duas faces em uma só cabeça, até Júpiter desmembrá-los, transformando-os em criaturas singulares. A partir disso, cada metade procura a outra, que lhe corresponde; ao se encontrarem, copulam entre si, uma metade masculina com a feminina, ou duas masculinas ou duas femininas, o que originou, respectivamente, os heterossexuais, as tribades¹⁰ e os homossexuais.

De acordo com Lacerda Neto (2008, p. 28), os homens procedentes da separação dos homens primitivos, buscam, reciprocamente, o sexo masculino. Enquanto são jovens amam aos homens, desfrutam deitando-se com eles, por estar em seus braços são os mais destacados entre os adolescentes e os adultos, como se possuíssem uma natureza muito mais viril. Sem razão alguma, acusasse-os de não terem pudor, e não é por falta de pudor que procedem assim; é porque possuem uma alma corajosa e valor e caráter viris, que buscam aos seus semelhantes, e a prova disto é que, com a idade, mostram-se mais aptos para o serviço do Estado do que os outros. Ao chegarem à idade adulta,

⁹ Socapa: fazer de maneira disfarçada, às escuras.

¹⁰ Tribade: adeptos ao tribadismo, ou seja, corresponde à homossexualidade feminina, em que a relação se dá pelo atrito dos órgãos genitais.

amam, por conseguinte, aos adolescentes e aos jovens, e se se casam e têm filhos, não é por seguir os impulsos da sua natureza, senão porque a lei os constrange a tal. O que eles querem, é passar a vida em celibato, juntos uns dos outros.

Quando um desses homens encontra o outro ou a sua metade, características como a simpatia, a amizade e o amor despontam em ambos, sem que os prazeres libidinosos ou devassos pareçam corresponder à causa disto.

Graças ao amor, continua Aristófanes, os homens e as mulheres serão felizes se encontrarem a sua metade e retornarem ao seu primitivo estado de união que, se correspondia ao melhor, o que mais se aproximar dele deve equivaler, necessariamente, também ao melhor.

Concluída a fala de Aristófanes, reúne-se Alcebiades ao grupo dos convidados, para alarme de Sócrates, que interpelou a Agaton, o anfitrião, alegando que o amor de Alcebiades é um verdadeiro apuro. Sócrates dizia que, desde que passou a amá-lo, não pôde observar nem falar a nenhum outro jovem, sem que, por despeito ou zelos, entregasse a excessos incríveis.

Após enaltecer as qualidades de Sócrates, observa Alcebiades: “Vede o ardente interesse que Sócrates demonstra pelos belos mancebos e adolescentes e com que paixão busca por eles, e até que ponto eles o cativam”.

Supondo Alcebiades que Sócrates interessava-se pela sua beleza, acreditou que, cedendo-se a ele sexualmente, ele comunicaria o seu conhecimento: tentou seduzi-lo em diversas circunstâncias, sem sucesso, até resolver expor-lhe os seus intuitos:

Penso que tu és o único amante digno de mim e parece-me que não te atreves a revelar-me os teus sentimentos. Da minha parte, posso assegurar-te que seria bem pouco razoável se não buscasse comprazê-lo nesta ocasião, como em qualquer outra em que pudesse ficar-lhe agradecido, por mim próprio, como por meus amigos. Não tenho maior empenho do que aperfeiçoar-me o quanto me seja possível e não vejo ninguém cujo auxílio para isto possa ser-me mais proveitoso do que o teu (PLATÃO, 2011, p.23).

Com a resposta de Sócrates, conforme aponta Lacerda Neto (2008, p. 30), ponderando-lhe que trocariam valores desiguais, o da beleza física pela aquisição da sabedoria, após o que, Alcebiades apressou-se a abraçá-lo e passaram juntos à noite. Em seguida, Sócrates desdenhou-lhe da beleza e insultou-a, o que originou queixas de Alcebiades, das quais, e dos abundantes elogios que formulou a Sócrates, resultou, da parte dos comensais, a impressão de que prosseguia encantado por ele.

Terminada a presente seção, sigamos para última, cujo objetivo é tratar da homossexualidade na Grécia Antiga, ampliando alguns dos pontos já apresentados nessa seção.

A homossexualidade na Grécia Antiga

O relacionamento homoerótico na Grécia Antiga teve seus aspectos explorados por diversos autores da Antiguidade Clássica, tais como Heródoto, Ateneu, Xenofonte e Platão, este último sobre o qual discorreremos na seção anterior. A maneira mais

conhecida e socialmente significativa de relação sexual entre indivíduos do mesmo sexo na Grécia era entre homens adultos e jovens, conhecida como pederastia; os casamentos heterossexuais, da mesma maneira, eram geralmente arranjados de acordo com as idades dos cônjuges, envolvendo homens na faixa dos trinta anos de idade casando com garotas no início da adolescência. Não se conhece com precisão sobre as relações homoeróticas envolvendo mulheres na sociedade geral grega, porém existem exemplos que datam desde pelo menos a época da poetisa Safo. Segundo Dover (2007, p. 14), “as informações que temos a respeito de qualquer forma de sexualidade feminina são pouquíssimas em comparação com a grande abundância de testemunhos acerca da homossexualidade masculina.” Ademais, cabe dizer que o teor do presente trabalho debruçar-se-á apenas nas relações homoeróticas masculinas.

Conforme aponta Dover (2007, p. 14), a forma mais comum de relações homoeróticas entre homens na Grécia Antiga era a *paiderastia* - pederastia - (amor de/por garotos). Após os 12 anos de idade, desde que o adolescente concordasse, transformava-se em um parceiro passivo até por volta dos 18 anos, com a aprovação de sua família. Normalmente, dos 25 aos 30 tornava-se um homem, logo se esperava que assumisse o papel ativo.

Tratava-se, como já exposto, da relação homoerótica entre um homem mais velho e um adolescente. Em Atenas, o indivíduo mais velho era chamado de *erastes*, e sua função era a de proteger, amar e agir como um exemplo para seu amado - chamado de *eromenos*, cuja recompensa para seu amante estaria em sua juventude, beleza e potencial.

De acordo com Halperin, Winkler e Zeitlin (1990, p. 18) havia protocolos sociais complexos, a fim de proteger os jovens da vergonha associada com o ato de serem penetrados sexualmente. Em outros termos, segundo os autores, o *eromenos* devia respeitar e honrar o *erastes*, mas não desejá-lo sexualmente. Embora ser cortejado por um homem mais velho fosse, consideravelmente, um rito de passagem para os rapazes, um jovem que fosse visto correspondendo o desejo erótico de seu *erastes* poderia sofrer um considerável estigma social.

Em Esparta, quando o menino entrava em apuros, as autoridades procuravam, como responsável, o seu *erastes* e não o pai. Era esta característica de muitas sociedades guerreiras. Havia entre eles o costume do guerreiro, entre 18 e 25 anos, manter em sua companhia um menino, com o qual copulava entre as coxas, não uma mulher, uma vez que não eram permitidas no acampamento. Quando seu período de serviço militar era concluído, o jovem presenteava o menino com armas, um escudo e lança, e depois partia e se casava. Em outras palavras, com os gregos, ele passava por uma fase homossexual, que a um ponto socialmente determinado era interrompida, e depois tornava-se heterossexual.

Nesse sentido, Dover afirma:

[...] a cultura grega diferia da nossa em sua aceitação da alternância de preferência homossexuais ou heterossexuais num mesmo indivíduo, e sua negativa implícita de que esta alternância ou coexistência criasse problemas específicos para o indivíduo ou para a sociedade (DOVER, 2007, p. 13).

O autor ainda complementa apontando que os gregos tinham consciência de que os indivíduos diferem em suas preferências sexuais, mas sua língua não tinha substantivos correspondentes a um homossexual ou um heterossexual, uma vez que eles consideravam que virtualmente todos respondem, em momentos diferentes a estímulos homossexuais e heterossexuais. Além disso, “nenhum homem penetra outros homens e se submete à penetração por outros homens numa mesma fase de sua vida” (DOVER, 2007, p. 126).

Os gregos antigos não concebiam a ideia de orientação sexual como um identificador social, do mesmo modo que as sociedades ocidentais vêm fazendo ao longo do último século.

A sociedade grega não distinguia entre desejo e comportamento sexual com base no gênero de seus participantes, mas sim pela extensão com que tais desejos ou comportamentos se conformavam às normas sociais, que eram baseadas, por sua vez, no gênero, idade e *status* social. Todavia, há pouco material a respeito de como as mulheres viam a atividade sexual, isso pelo fato de as mulheres não terem representação social e serem consideradas seres inferiores.

Dias (2010, p. 32) apresenta um recorte sobre o relacionamento homoerótico na Antiguidade aludindo a deuses, reis e heróis, afirmando que:

Na Grécia, o livre exercício da sexualidade fazia parte do cotidiano de deuses, reis e heróis. O mais famoso casal da mitologia grega era formado por Zeus e Ganímede. Lendas falam do amor de Aquiles por Pátroclo e dos constantes raptos de jovens por Apolo. Até hoje, se indaga sobre o caráter e a importância de tais práticas, se perversão admitida, instituição pedagógica ou ritual iniciatório, sendo questionado se tais hipóteses seriam excludentes entre si. A bissexualidade estava inserida no contexto social, e a heterossexualidade aparecida como preferência de certo modo inferior e reservada à procriação. Vista como uma necessidade natural, a homossexualidade restringia-se a ambientes cultos, como manifestação legítima da libido, verdadeiro privilégio dos bem-nascidos. Não era considerada uma degradação moral, um acidente ou um vício. Todo indivíduo poderia ser homossexual ou heterossexual, dois termos, por sinal, desconhecidos na língua grega. Nas Olimpíadas, os atletas competiam nus, exibindo sua beleza física. Era vedada a presença das mulheres nas arenas, por não terem capacidade para apreciar o belo. Também nas representações teatrais, os papéis femininos eram desempenhados por homens travestidos ou mediante o uso de máscaras (DIAS, 2010, p. 35).

Em relação à Esparta, esta é a posição de Vecchiatti (2008, p. 44):

Já na cidade-estado de Esparta, cuja sociedade dava mais ênfase ao desenvolvimento militar do que ao cultural, a visão do amor entre homens tinha um enfoque um pouco diferenciado. Era ela estimulada dentro do exército espartano, para torná-lo ainda mais eficiente. Isso se explica por um simples fato: com a existência constante de relacionamentos homoafetivos dentro do exército, quando este ia para a guerra, o soldado estaria lutando não apenas por sua cidade-estado, mas igualmente para proteger a vida de seu amado, o que, obviamente, aumentaria o grau de dedicação do combatente.

Como pudemos observar nos fragmentos supramencionados, a peculiaridade das

sociedades gregas era a segregação da população masculina cidadã em acampamentos e cantinas. A deliberada privação da autoridade dos pais de famílias, e a sua transferência para o grupo de maior idade, e àqueles aos quais era delegada a responsabilidade pelos vários grupos etários de meninos, adolescente, jovens e homens mais velhos. A sociedade espartana, por exemplo, era permanentemente organizada como um exército em treinamento.

Os gregos antigos, segundo Dover (2007), no contexto das cidades-Estado pederásticas corresponderam aos pioneiros a estudar, a sistematizar, a descrever e a estabelecer a pederastia como uma prática sócio-educacional, ou seja, uma prática pedagógica que, de acordo com seus princípios, o jovem que cumprisse com essa trajetória estaria preparado para ser um cidadão grego por completo. Era um aspecto importante da vida militar, civil, artística e filosófica. Ainda existem debates entre os estudiosos sobre o quanto essa prática era difundida entre as classes sociais ou se estava limitada à aristocracia.

Considerações finais

Na Grécia antiga, a homossexualidade não equivalia ao que modernamente designa-se por este vocábulo: na atualidade, ele indica a atração de homens por homens e a sua consequência propriamente sexual, a penetração do pênis no reto, ao passo que na Grécia antiga a cópula homossexual considerava-se desprezível e somente se admitia entre um grego e um jovem, respectivamente nos papéis de ativo e passivo.

A assim chamada homossexualidade grega encarnava um costume altamente moral de finalidade educadora; a intimidade física entre o erastes e o eromenos verificava-se no âmbito de uma relação, antes de tudo, formadora do caráter do mais moço, em que o mais velho desempenhava um papel significativo na transmissão de valores. Nada disso se reproduziu nas demais sociedades, ao longo da história. Longe de encarnar uma simples forma de satisfação genital, a pederastia grega encarnou uma elevada espécie de relacionamento humano que muitos autores verberaram por ignorarem o seu aspecto educador ou, mais provavelmente, por entenderem-no como licença institucionalizada à penetração anal, o que, na verdade, não o caracterizava.

O advento do cristianismo provocou a censura da homossexualidade, o fim da pederastia grega, e a instauração da homofobia que por séculos vem caracterizando as sociedades ocidentais.

Independentemente de classe social, raça, religião ou postura política, o amor homossexual sempre esteve presente na História. Segundo Foucault (1988), não existe povo na terra onde a homossexualidade não se manifeste.

O presente artigo objetivou mostrar como a relação homoerótica era encarada e considerada como prática pedagógica pelos helênicos. Ademais, versou como a homossexualidade era encarada pela sociedade grega clássica, de modo que, para o propósito desta pesquisa, a homossexualidade foi definida como a disposição para buscar prazer sensorial através do contato corporal com pessoas do mesmo sexo. A finalidade era que experiência e sabedoria fossem transmitidas por meio dessa prática, considerada pelos gregos como um ritual de passagem. Certamente, para outros propósitos, esta definição poderá parecer inadequada e superficial, mas a cultura

grega diferia da nossa em sua aceitação da alternância de preferências homossexuais e heterossexuais num mesmo indivíduo, e em sua negativa implícita de que esta alternância ou coexistência criasse problemas específicos para o indivíduo ou para a sociedade. Evidentemente, aos olhos da sociedade moderna, essa prática receberia outra nomenclatura, sendo considerada crime. O helenista inglês Kenneth J. Dover, cuja obra é uma das referências neste trabalho, baseou sua análise das contradições da homossexualidade masculina nas representações de ânforas, vasos ilustrados que os gregos eram mestres em produzir. O autor mostrou que a sociedade grega era francamente favorável ao relacionamento entre dois homens, embora aquele que penetrasse fosse considerado mais viril. Segundo ele, o homem adulto perseguia os mais jovens, mas sexo entre homens da mesma idade era algo escandaloso. A homossexualidade grega lícita era sempre entre um adulto e uma criança ou jovem adolescente.

Segundo Naphy (2004) em toda a história e em todo o mundo a homossexualidade tem sido um componente da vida humana. Desse modo, aos olhos do autor, não pode ser considerada antinatural ou anormal. Não há dúvida de que a homossexualidade é e sempre foi menos comum do que a heterossexualidade. Entretanto, a homossexualidade é claramente uma característica muito real da espécie humana. Para muitos, ainda hoje o continua sendo uma questão de tempo.

Ao longo do trabalho, tentamos discorrer sobre algumas inquietações e procuramos responder por que os gregos aceitavam a homossexualidade tão prontamente, conformando-se, com tanta satisfação. Essa prática, considerada pedagógica pela Grécia Antiga, corresponde a algo que era aceito porque seus pais, tios, avós e demais gerações anteriores também aceitavam. Esses valores eram transferidos pela sociedade como um estágio, pelo qual os jovens gregos haveriam de passar, a fim de que se tornassem homem por completo.

Nenhuma discussão que vise demonstrar que a homossexualidade de um modo geral é natural ou contrária à natureza, saudável ou doentia, legal ou ilegal, de acordo com a vontade de Deus ou contra ela, demonstra se determinado ato homossexual é moralmente certo ou moralmente errado.

Referências

Fontes

PLATÃO. *As Leis*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 1999.

_____. *O banquete*. Trad. Donaldo Schüller. Porto Alegre-RS: L&PM, 2011, 176 p. (Coleção L&PM POCKET, v.711).

Bibliografia

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas Públicas e Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. *Guia de prevenção das DST/AIDS e cidadania para homossexuais*. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

- DIAS, Maria Berenice. *Manual do Direito das Famílias*. 6. ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2010.
- DOVER, Kenneth James. *A homossexualidade na Grécia Antiga*. Trad. Luís Sérgio Krausz. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 17. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- GALLAGHER, Raphael. *Compreender o homossexual*. Trad. Victor Hugo Silveira Lapenta. São Paulo: Editora Santuário, 1990.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- HALPERIN, David; WINKLER, John; ZEITLIN, Froma. *Before sexuality*. Princeton University Press, 1990.
- LACERDA NETO, Arthur Virmond de. A homossexualidade em Platão. *Revista Lado A: para pensar*. Disponível em: <<http://revistaladoa.com.br/2007/08/para-pensar/homossexualidade-em-platao>>. Acesso em: 15 de jun. 2014.
- MAGNAVITA, Alexey Dodsworth. O surgimento dos homossexuais. *Revista filosofia: ciência & vida*. São Paulo: Escala, ano VI, n.70, p.14-22, maio 2012.
- NAPHY, William. *História da homossexualidade*. Edições 70, 2006.
- RODRIGUES, Humberto. *O amor entre iguais*. Mythos, 2004.
- VECCHIATTI, Paulo Roberto lotti. *Manual da Homoafetividade: da possibilidade jurídica do casamento civil, da união estável e da adoção por casais homoafetivos*. São Paulo: Método, 2008.
- VIEIRA, Maria do Pilar de Araujo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. *A pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 2011. (Série Princípios).